

# A QUESTÃO DO SUPORTE DOS GÊNEROS TEXTUAIS<sup>1</sup>

Luiz Antônio Marcuschi  
(UFPE / CNPq)

## 1. Introdução

Este ensaio pretende ser uma pequena contribuição para a análise do suporte de gêneros textuais. A tese central é a de que todo gênero tem um suporte, mas a distinção entre ambos nem sempre é simples e a identificação do suporte exige cuidado. Para isso é necessário definir categorias e considerar aspectos limítrofes na relação gênero-suporte. Como aqui nada é conclusivo, estas sugestões não passam de um convite à discussão e aconselham cautela.<sup>2</sup>

Alimenta esta análise a convicção de que aqui se oferece um conjunto de problemas relevantes para a melhor compreensão do funcionamento dos próprios gêneros textuais. Como ressaltado nas observações finais, o importante, no caso, é que dispomos de elementos empíricos para comprovar a validade das posições defendidas, pois os gêneros se dão materializados em linguagem e são visíveis em seus *habitats*. Contudo, a comprovação não se dá na observação a olho nu e sim com base em categorias. Assim, esta abordagem visa a fornecer precisamente algumas categorias para a análise e mostra como podem ser usadas.

Não se trata de fazer uma classificação de suportes, mas de analisar como eles contribuem para seleção de gêneros e sua forma de apresentação. Seria interessante observar como desde a antiguidade os suportes textuais variaram, indo das paredes interiores de cavernas à pedrinha, à tabuleta, ao pergaminho, ao papel, ao outdoor, para finalmente entrar no ambiente virtual da Internet. Mas este é um roteiro de análise que não será aqui percorrido. Com efeito, nossa sociedade foi das inscrições rupestres à pichação urbana,

---

<sup>1</sup> Estas reflexões situam-se no contexto do Projeto Integrado: “**Fala e Escrita: Características e Usos**”, em andamento no *NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita)*, Depto. de Letras da UFPE, com apoio do CNPq proc. nº 523612/96-6. Gostaria de agradecer as sugestões, observações e os comentários críticos de colegas e amigos, de modo particular, à Beth Marcuschi, ao Benedito Bezerra, à Cristina Teixeira, Isaltina Gomes e Marianne Cavalcante.

<sup>2</sup> Desde já confesso meu desconhecimento de trabalhos sobre o tema. Assim, toda contribuição é desejada e será bem-vinda.

um caminho curioso que sugere inúmeras interpretações e não necessariamente uma evolução.

Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isto não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. Contudo, essa posição é questionável, pois há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. Tome-se o caso deste breve texto:

*“Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder.  
Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica.”*

Se isto estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Paulo), pode ser um *bilhete*; se for passado pela secretária eletrônica é um *recado*; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um *telegrama*; exposto num *outdoor* pode ser uma *declaração de amor*. O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é aqui identificado na relação com o suporte. Portanto, há que se considerar este aspecto como um caso de **co-emergência**, já que o gênero ocorre (surge, concretiza-se e circula) numa relação de fatores combinados no contexto emergente.

Assim, a discussão sobre o suporte nos leva a perceber como se dá a circulação social dos gêneros. Neste caso vamos desde certos locais como as *bibliotecas* que não são suportes, mas contém inúmeros suportes textuais, até um *outdoor* que é um suporte que em geral contém um gênero de cada vez e revela uma certa especialização em relação ao gênero suportado. Por outro lado, seria necessário saber como distinguir um *canal* ou *meio de condução* de um *serviço* para não confundi-los com suporte ou gênero. Aqui vamos desde o *telefone* (canal), passando pela rede da *Internet* (serviço), até um *pára-choque de caminhão* (suporte de um gênero). Tudo isso faz-nos cautelosos na abordagem da questão e exige definição das categorias de nossa análise.

Como última observação cautelar, gostaria de frisar que neste ensaio pouco se dirá a respeito dos suportes de *gêneros textuais orais* por falta de condições para equacionar a questão. Seguramente, a ninguém ocorre que a *boca* seja um suporte, mas algum tipo de suporte para os gêneros orais deve haver, já que eles não estão soltos. Acima ficou mais ou menos insinuado que a *secretária eletrônica* poderia ser vista como suporte de *recados*, mas isto está longe de ser consensual. Talvez, no caso da oralidade, sejam os próprios **eventos** os suportes, por exemplo, um *congresso acadêmico* seria o suporte de conferências e comunicações orais e a *mesa-redonda* seria o suporte de

exposições temáticas.<sup>3</sup> No entanto, seguramente não podemos tomar o *disco de vinil*, o *CD-Rom*, a *fita cassete*, as *gravações em geral* como suportes de gêneros orais. Estes são locais de **armazenamento** ou meios de transporte e o acesso às falas não é direto. Neste sentido, o caso da *secretária eletrônica* é especial porque o recado foi produzido para ser fixado e ouvido naquele ambiente, tornando-se assim uma repositória convencional da mensagem. As *transcrições impressas*, fruto de gravações orais não são suportes. Como nada sei sobre estes assuntos, me reportarei apenas ocasionalmente aos suportes orais, por exemplo, o telefone e o rádio, sem fazer análises detidas.

## 2. Por uma noção de suporte

Como lembrado, acha-se em seus inícios a discussão a respeito do *suporte* dos gêneros. Essa situação é curiosa quando se observa que todos os textos ancoram em algum suporte. O fato já poderia ter sido alvo de análises mais acuradas. No entanto, não está claro o que seja um suporte textual. Seguramente a noção de suporte não pode ser tomada no sentido que a expressão recebe nos dicionários de língua. Por exemplo, de acordo com o *Dicionário Aurélio*, suporte é “aquilo que suporta ou sustenta alguma coisa”; ou então “material que serve de base para a aplicação de tinta, esmalte, verniz etc.” ou no caso de “suporte de impressão: Qualquer material (papel, cartão etc.) que recebe a impressão de fôrmas nas máquinas de imprimir”. Já o *Dicionário Houaiss* traz em uma de suas acepções ligada à rubrica ‘documentação’, o seguinte para ‘suporte’: “base física (de qualquer material, como papel, plástico, madeira, tecido, filme, fita magnética etc.) na qual se registram informações impressas, manuscritas, fotografadas, gravadas etc.”

Essas definições, embora empiricamente corretas, não são suficientes para nossa análise e é necessário ir um pouco além. Assim, a tentativa será sugerir uma acepção de suporte que sirva para os propósitos da análise do gênero.

Intuitivamente, *entendemos como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto*. Numa definição sumária, pode-se dizer que **suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto**.

A idéia aqui expressa comporta três aspectos:

---

<sup>3</sup> Toda especulação aqui é gratuita até não se ter maiores detalhes sobre a questão. Assim, pode-se dizer que em certos casos a **instituição** serviria de suporte, como por exemplo, a *escola* seria um suporte para as aulas expositivas.

- (a) suporte é um lugar físico ou virtual;
- (b) suporte tem formato específico;
- (c) suporte serve para fixar e mostrar o texto.

Com (a) o suporte deve ser algo real (pode ter realidade virtual como no caso do suporte representado pela Internet). Esta materialidade é incontornável e não pode ser prescindida. A discussão do suporte dos gêneros orais é mais problemática porque a sua materialidade é difícil de ser percebida. Com (b) admite-se que os suportes não são informes nem uniformes, mas aparecem sempre em algum formato específico, tal como um *livro*, uma *revista*, um *jornal*, um *outdoor* e assim por diante. Além disso, o fato de ser específico significa que foi comunicativamente produzido para portar textos (embora ele possa ocorrer de forma eventual e não convencional como ainda veremos). Com (c) admite-se que a função básica do suporte é fixar o texto e assim torná-lo acessível para fins comunicativos. Mas como o suporte tem um formato específico e em geral é convencional, ele pode ter contribuições ao gênero. Contudo, isto é problemático, pois também se pode dizer que os gêneros são ecológicos, no sentido de que desenvolvem nichos ou ambientes de realização mais adequados, seja para se fixarem. Seria interessante analisar a hipótese de que os gêneros têm preferências e não se manifestam na indiferença a suportes. Finalmente, é de considerar que os suportes são para **fixar** os gêneros e não para veicular ou transportar ou circular o texto como tal. Daí a distinção que estabelecemos de maneira rígida entre o **suporte** e o **canal, serviço, meio** etc.

Com respeito ao aspecto (a), me foi feita a pergunta sobre qual seria o suporte dos *textos escritos no ar com colunas de fumaça por aviões*, em dias comemorativos, por exemplo.<sup>4</sup> Os gêneros realizados nestes textos seriam “*faixa comemorativa*”, “*poema*”, “*anúncio*” e outros. Quanto a isso não haveria dúvidas. Já não se dá o mesmo em relação ao suporte, porque neste caso a **nuvem de fumaça** poderia ser tida como o suporte desses gêneros, mas isso não é de todo claro, pois a nuvem equivaleria à **tinta** sobre o papel. Será que o ar equivaleria à folha de papel e seria ele o suporte, ou talvez é a atmosfera terrestre o suporte? Parece que a nuvem de fumaça tem as duas funções: materializa e sustenta o gênero. Mas não se poderia fazer a mesma analogia com a **tinta** no papel, a qual não é o suporte e sim o material que mostra as letras e perfaz a materialidade da escrita.

---

<sup>4</sup> Esta pergunta e muitas outras instigantes me foram feitas por Beth Marcuschi a quem eu agradeço os comentários críticos e sugestões para este trabalho. No dia em que ela me fez esta pergunta, eu não soube responder, mas hoje tento uma explicação sumária à questão que acho instigante.

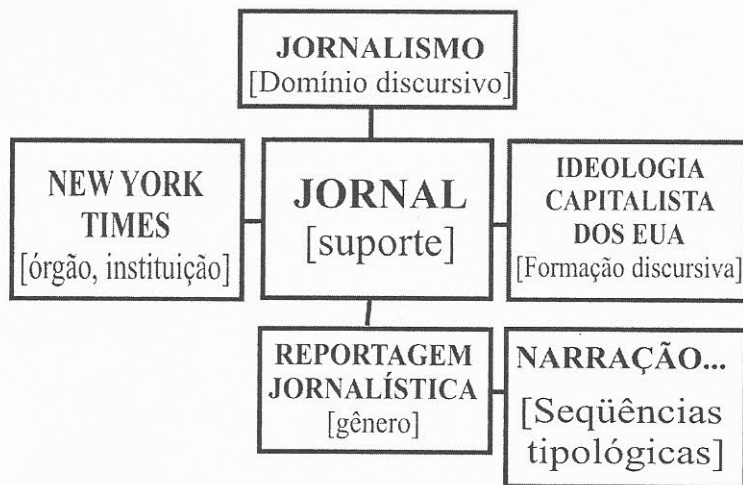
É muito difícil contemplar o contínuo que aqui surge, pois ele não é discreto e não se pode dizer onde um acaba e outro começa. Tome-se o caso de uma *carta pessoal* para a qual pode-se estabelecer esta cadeia:

**carta pessoal (GÊNERO)? tinta (MATERIAL DA ESCRITA)? papel-carta (SUPORTE)? envelope (EMBALAGEM)? correios (SERVIÇO DE TRANSPORTE) ...**

Não é fácil estabelecer a mesma cadeia para todos os gêneros, mas isto serve para pensar as unidades componentes dessa cadeia. O suporte firma ou apresenta o texto para que se torne acessível de um certo modo. O suporte não deve ser confundido com o contexto nem com a situação, nem com o canal em si, nem com a natureza do serviço prestado. Contudo, o suporte não deixa de operar como um certo tipo de contexto pelo seu papel de seletividade. Este é um problema altamente complexo ainda não bem-compreendido. Aqui abrimos a discussão sobre o papel do suporte na relação com os gêneros e indagamos se ele acarreta alguma conseqüência para o funcionamento dos gêneros. A idéia central é que **o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele**. Mas ainda está por ser analisada a natureza e o alcance dessa interferência. Um aspecto que vamos discutir adiante, ligado a esta questão, é o problema da **reversibilidade de funções** que o suporte poderia operar em alguns casos de gêneros que migram para vários suportes. Veja-se, por exemplo, o caso da *carta pessoal*, a *carteira de identidade* e o *anúncio publicitário* no livro didático que não têm mais sua função original sob o ponto de vista da sua circulação, mas sim uma função *didática*, no entanto, permanece subliminarmente o “*porquê uma carta é escrita*”.

O mais importante neste caso é distinguir entre suporte e gênero, o que nem sempre é fácil pela ausência de limites naturais. Há quem sustente que *dicionários* e *enciclopédias* sejam suportes ou *portadores* de texto, mas isso não é correto porque eles são gêneros e não suportes. Eu mesmo, em trabalhos anteriores, havia identificado o *outdoor* como gênero, o que ainda é feito por vários autores, em especial nos livros didáticos, mas hoje admito claramente que o *outdoor* é um suporte para vários gêneros, com preferência para *publicidades*, *anúncios*, *propagandas*, *comunicados*, *convites*, *declarações*, *editais*. Não é qualquer gênero que aparece num *outdoor*, pois esse é um suporte para certos gêneros, preferencialmente na esfera discursiva comercial ou política. Este exemplo sugere que se trate o suporte na relação com outros aspectos, tais como: *domínio discursivo*, *formação discursiva*, além de *gênero* e *tipo textual*.

A relação entre eles não constitui uma ordem hierárquica, já que não há um sistema de subordinação interna. Veja-se que o *jornalismo* é um *domínio discursivo* (esfera da atividade humana), ao passo que o *jornal* é seguramente um *suporte* e que a *ideologia capitalista norte-americana* se oferece como uma *formação discursiva*, sendo a *reportagem jornalística* o *gênero textual* em questão e as seqüências *narrativas* internas seriam o *tipo textual* dominante no caso de uma *reportagem* sobre a Guerra no Iraque publicada no *New York Times*. Assim, dentro de cada conjunto há distinções claras, embora não se possa estabelecer uma hierarquia. O gráfico a seguir dá uma idéia melhor disto:



Já vimos que todos os textos se realizam em algum gênero e que todos os gêneros comportam uma ou mais seqüências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que por sua vez se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em algum suporte pelo qual atingem a sociedade. Agora podemos indagar se os suportes são *veículos* dos gêneros. Num certo sentido eles portam os gêneros na medida em que os fixam, mas não podemos confundir o suporte com o *canal*. Assim, os *Correios* podem ser um meio de transporte ou um serviço, mas não são um canal, nem um suporte para as cartas que transportam. Já a *mala direta* poderia ser um serviço (de correios)<sup>5</sup>, ao passo que o *radio* é um

<sup>5</sup> Este é um tema polêmico, pois a *mala direta* que aqui é tida como um *serviço* foi tida por Távora (2003) como *gênero textual*. Para isso, Távora tratou a mala direta como 'carta promocional de vendas' e todo o "pacote" (p. 68) de materiais que

canal ou meio de transmissão quando olhado na sua condição de “Rádio X” ou “Rádio Y”. Mas o rádio não deixaria de ser um suporte sob outro aspecto, isto é, o da fixação e circulação dos gêneros por ele promovidos. Podemos dizer, por exemplo, que uma *embalagem* é um suporte na relação com o gênero *rótulo*, mas um *envelope* não é um suporte na relação com a *carta pessoal*. Contudo, o envelope é um suporte para o *endereço*, o que mostra que a questão em certo sentido define-se com um contínuo de relações que se sobrepõem e determinam funções que constituem o fenômeno. Assim, o suporte é um tipo de artefato funcional constituído numa relação com o gênero.

### 3. Categorias analíticas

Após a definição apresentada e antes de analisar alguns suportes de gêneros textuais propriamente, parece importante definir certos aspectos preliminares referentes às categorias de análise do suporte. Entre as categorias relevantes para esse trabalho, sem entrar em escolas teóricas de maneira mais explícita, estão as aqui sumariamente definidas sem maiores discussões por falta de espaço. Elas estavam de algum modo implícitas na definição de suporte dada acima, mas devem ser explicitadas.

#### 3.1. Discurso

De uma maneira geral, o discurso diz respeito à própria materialização do texto em seu aspecto enunciativo e é o texto em seu funcionamento sócio-histórico; pode-se dizer que o discurso é muito mais o resultado de um ato de enunciação que de uma dada configuração morfológica de encadeamentos de elementos lingüísticos, embora ele se dê na manifestação lingüística. É uma materialidade de sentido, ou como diriam os teóricos da ADF, com Foucault, “trata-se de uma dispersão de textos” numa dada conjuntura. Podemos adotar a posição de Lorenza Mondada (1994:23) quando dá a seguinte definição de discurso:

---

constituem a mala direta (carta personalizada, folhetos, boleto bancário, cartão resposta etc.) seriam *transmutados* e perderiam sua condição de gêneros específicos, sendo apenas partes da *carta promocional de vendas* que daria origem à própria **mala direta** que por sua vez se tornaria um gênero. O assunto é efetivamente complexo e tudo depende de como a categoria for criada. De igual modo, há quem considere o *livro didático* como um gênero e aqui ele é visto como *suporte*. Isso torna a questão relevante e merecedora de uma investigação mais acurada.

“No que nos concerne [...] nos utilizaremos do termo discurso como um hiperônimo, compreendendo o texto como a interação, reenviando a um objeto empírico, selecionado ou transcrito para a análise, indissociável do contexto que ele contribuiu para forjar, e caracterizado não pelas determinações exteriores mas pelas dimensões que o próprio discurso marca reflexivamente como pertinentes. O discurso é o lugar da observabilidade da língua em sua atualização num contexto empírico.”

### 3.1 Texto

Trata-se, num primeiro momento, do objeto lingüístico visto em sua condição de organicidade e com base em seus princípios gerais de produção e funcionamento em nível superior à frase e não preso ao sistema da língua; é ao mesmo tempo um processo e um produto, exorbita o âmbito da sintaxe e do léxico, realiza-se na interface com todos os aspectos do funcionamento da língua, dá-se sempre situado e envolve produtores, receptores, condições de produção e recepção específicas. Em essência, trata-se de um **evento comunicativo** em que aspectos lingüísticos, sociais e cognitivos estão envolvidos de maneira central e integrada, como observou Beaugrande (1997).

### 3.3. Domínio discursivo (esferas de atuação humana)

Entende-se aqui como *domínio discursivo* uma esfera de atividade humana, como lembrou Bakhtin (1979). Não é um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas*: *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso*, *discurso militar*, *discurso acadêmico* etc. Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários, constituindo práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como práticas ou rotinas comunicativas institucionais e instauradoras de relações de poder etc. Neste caso, Domínio Discursivo distingue-se da noção de *formação discursiva*, tal como proposta por Foucault e se aproxima de *comunidades discursivas* como Swales (1992) vem ultimamente definindo.

### 3.4. Gênero textual

Trata-se de *textos orais ou escritos materializados em situações comunicativas recorrentes* com função sócio-comunicativa bem determinada, como mostram Miller (1984) e Swales (1990). Os gêneros são os textos da



vida diária com *padrões sócio-comunicativos característicos* definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo, realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Os gêneros constituem uma listagem aberta, são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações tais como: *sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, e-mail, chat* e assim por diante. Os gêneros são formas textuais escritas ou orais “relativamente estáveis” (Bakhtin, 1979) histórica e socialmente situadas.

### 3.5. Tipo de texto

Esta noção designa muito mais *modalidades discursivas* ou *seqüências textuais* do que textos em sua materialidade. O tipo textual define-se pela *natureza lingüística* de sua composição {modalidade, estruturas sintáticas e lexicais, tempos verbais, relações lógicas, estilo etc.}. Em geral, os *tipos* abrangem um número limitado de categorias como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. Quando predomina uma característica tipológica num dado texto, dizemos que ele é *argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injuntivo*. Os tipos textuais constituem modos discursivos organizados no formato de seqüências estruturais sistemáticas que entram na composição de um gênero textual. Tipo e gênero não formam uma dicotomia, mas se complementam na produção textual.

### 3.6. Evento discursivo

Esta noção é de difícil definição, tal como lembra Levinson (1979). Diz respeito ao próprio evento, por exemplo, um *congresso*, ou então um *debate televisivo*, sendo que neste caso se recobriria com o gênero. Assim, uma *aula* é a um só tempo um evento discursivo e um gênero, mas o aspecto da observação é diverso. A *carta pessoal* é um gênero, sendo que a carta sendo lida seria o evento discursivo. O evento caracteriza-se como uma grandeza sócio-interativa vista sob seu aspecto de realização contemplando os atores e toda a organização sob o ponto de vista etnográfico (Hymes, 1972).

### 3.7. Serviço

Embora esta não seja uma categoria da área comunicativa, o serviço deve ser considerado como uma categoria importante para distinguir entre

suporte e serviço em alguns casos críticos, como o *e-mail*, a *Internet* e a *mala direta*, por exemplo. O caso da *Internet* tanto pode ser um *suporte*, um *meio* ou um *serviço* a depender do aspecto da observação. Não é tão simples saber se a *mala direta* é um serviço, como lembrei, ou um suporte ou até mesmo um gênero como alguns já a classificaram (por exemplo, Távora, 2003). Defendo que a *mala direta* é um serviço pelo qual se enviam correspondências de vários gêneros textuais. Tomamos aqui como *serviço* um aparato específico que permite a veiculação (circulação e consumo) de um gênero em algum suporte. Assim, os correios permitem a remessa de cartas, por exemplo; a *Internet* permite a remessa de informações eletrônicas e ao mesmo tempo a realização e instalação de páginas pessoais (*homepage*) como suportes de gêneros diversos.

### 3.8. Canal e meio

Tecnicamente, o canal seria o meio físico de transmissão de sinais; este é o caso do *rádio*, da *televisão* e do *telefone* quando vistos como emissora ou aparelho operando como canal de transmissão. Mas em certos casos o canal pode ser confundido com o suporte dos sinais transmitidos por operarem como *locus de fixação*. Pode-se dizer que o canal se caracteriza como um condutor e o suporte como um fixador. O jornal é um suporte, mas é visto por muitos como um meio e por isso é uma *mídia*. Embora muito ampla, a definição de canal dada pelo *Dicionário de Linguística* de Jean Dubois et alii (1973:97) pode ser lembrada:

“*Canal* (termo técnico da teoria da comunicação) é o meio pelo qual são transmitidos os sinais do código, no curso do processo da comunicação; é o suporte físico necessário à manifestação do código sob a forma de mensagem. Estão neste caso os cabos elétricos para a telegrafia ou para a comunicação telefônica, a página para a comunicação escrita, as faixas de frequência de rádio, os sistemas mecânicos de natureza diversa. No caso da comunicação verbal, o ar é o canal pelo qual são transmitidos os sinais do código linguístico..”

Há aqui uma certa confusão entre suporte, canal, meio e serviço. Parece que a noção de canal é difusa e abriga todo tipo de fenômeno incluindo ali o próprio suporte quando se vê o papel como canal.

### 3.9. Instituição

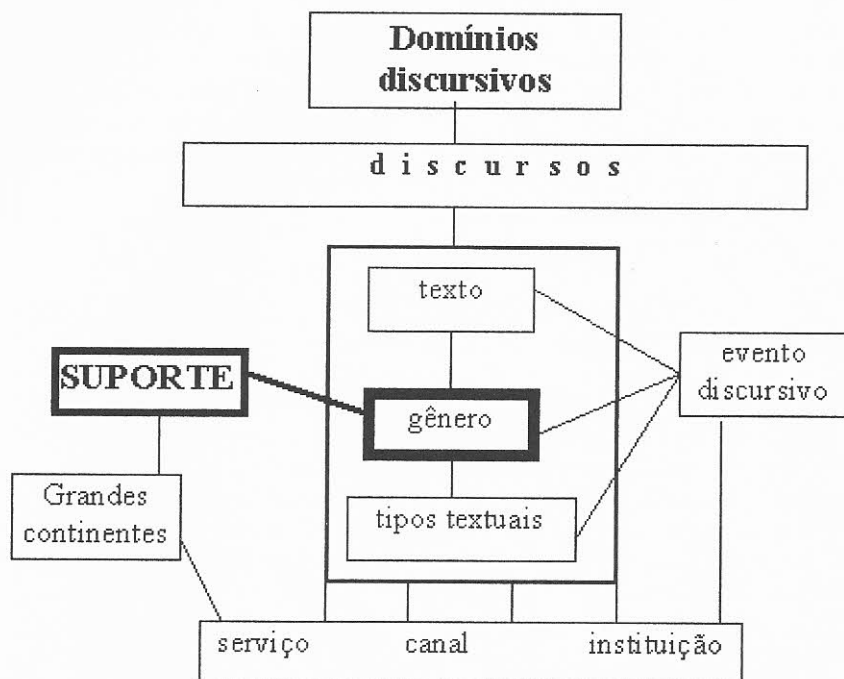
Este é o caso de *escola, igreja, quartel, universidade, tribunal* etc. Eles podem ser vistos como instituições, mas não como suportes. As instituições podem constituir em alguns casos o que se poderia chamar de estruturas de formação discursiva ou algo parecido (não no sentido foucaultiano). A importância da instituição se dá na medida em que elas sempre vêm vinculadas a alguma esfera de produção discursiva.

### 3.10. Grandes continentes

Essa categoria é difusa e opera de forma apenas subsidiária. *Grande continentes* são os ambientes e os locais que servem de grandes “armazéns” ou postos de concentração de materiais impressos ou orais. Entre estes continentes estariam, por exemplo: (a) **Bibliotecas** – comportam tanto livros como outros suportes textuais e não podem ser tomadas como um suporte, já que seria inviável uma análise neste sentido. A função de uma biblioteca é guardar obras ordenadamente. (b) **Livrarias (papelarias)** – uma livraria contém livros e outros suportes, mas de modo diverso que uma biblioteca, já que os livros estão à venda e não para retirada e consulta. Mas a livraria também não é um suporte. (c) **Editoras** – este é outro caso de uma situação em que não se tem um suporte e sim um tipo de produtora de suportes. (d) **Escritórios** – ali guardam-se os gêneros textuais e se consome textos, mas este não é um suporte. (e) **Museus** – também neste caso não temos um suporte, embora aqui já estejamos entrando num caso bastante complexo e que se torna quase-limite para a questão.

Em conclusão a este item o gráfico a seguir tenta uma visão integrada de como se comportam estas categorias que operariam na análise para identificação do suporte.

## QUADRO GERAL DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS



### 4. Suporte convencional e incidental

Aspecto a ser considerado com cautela é o que diz respeito à natureza do suporte do ponto de vista de sua constituição comunicativa. Há suportes que foram elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos. São os que passo a chamar de *suportes convencionais*. E outros que operam como suportes ocasionais ou eventuais, que poderiam ser chamados de *suportes incidentais*, com uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos. Em princípio, toda superfície física pode, em alguma circunstância, funcionar como suporte. Vejam-se os *troncos de árvores* com declarações de amor ou poemas em suas cascas. Por isso, não convém restringir a noção de suportes textuais para o caso dos suportes convencionais.

Assim, o **corpo humano** pode servir de suporte para textos, mas não é um suporte convencional. Hoje está se tornando cada vez mais comum tatuar o corpo com uma imagem, um poema ou uma declaração de amor. O

corpo também pode servir para os alunos inscreverem (em especial na perna ou coxa) suas *colas* para provas ou exames. O rosto de muitos estudantes funciona como suporte para *slogans* de protesto político, como já se viu variadas vezes. Até corpos de animais como cachorros e cavalos receberam inscrições de protesto. Contudo, não parece razoável que do ponto de vista comunicativo se possa classificar o **corpo humano** e o **livro** na mesma categoria de suporte textual, já que este foi concebido como suporte de textos desde o início.<sup>6</sup>

Hoje em dia ninguém diria que os *vasos de barro*, as *colunatas* e os *túmulos* seriam suportes ideais para a circulação de textos. No entanto, boa parte dos textos fenícios de 2 ou 3 mil anos atrás nos chegaram em vasos e colunatas ou em túmulos e assim por diante. Naquele tempo era mais comum que a circulação da escrita fosse feita nestes suportes e em pedrinhas, tabuletas ou pergaminhos, mas isto devido à limitação de suportes e à pouca veiculação de discursos na forma escrita. Hoje temos outros recursos, tais como o livro, o jornal, a revista, o *outdoor* e mais modernamente os ambientes da Internet. Todos estes suportes são de modo especial próprios para a fixação dos textos e sua veiculação comunicativa e têm uma feição de suportes prototípicos.

Em resumo, podemos identificar duas categorias de suportes textuais: (a) a categoria dos *suportes convencionais*, típicos ou característicos, produzidos para essa finalidade e (b) a categoria dos *suportes incidentais* que podem trazer textos, mas não são destinados a esse fim de modo sistemático nem na atividade comunicativa regular. A seguir, uma série de exemplos de cada uma destas categorias.

## 5. Alguns suportes convencionais

Adotando a distinção entre *suportes convencionais* e *suportes incidentais*, neste item vou me restringir a elencar alguns suportes convencionais, isto é, que foram desenhados com a função específica de serem suportes. Em seguida, lembro alguns que podem operar como *suportes incidentais*.

Como a questão ainda é controversa, parece conveniente iniciar a análise dos suportes convencionais discutindo a natureza do mais comum de todos que é a *folha de papel*. Mas não parece que se deve tomar a folha de papel como o suporte do gênero de uma maneira geral, pois se no caso de uma carta pessoal ela seria, já no caso de um livro a *página* não é o suporte e

---

<sup>6</sup> Agradeço mais uma vez à Beth Marcuschi a sugestão de estabelecer uma distinção de maneira sistemática para identificar os suportes em suas categorias.

sim o *livro*. No livro, a página é uma parte do todo. Se fôssemos tomar o *papel impresso* como um suporte de uma maneira geral, não teríamos distinções entre livros, revistas, livros didáticos, quadro de avisos e outros como suportes distintos. Portanto, o primeiro a considerar é a idéia de que o **suporte tem uma forma** e não é amorfo.

No caso de um *cartão postal*, o suporte é sem dúvida o pedaço de cartolina em que o cartão está impresso. Mas nem por isso vamos tomar a cartolina como um suporte em geral. Claro que para um *painel* exposto num congresso temos a *cartolina* como um suporte daquele gênero e o *cavalete* como suporte da cartolina. Mas não é também sobre esse tipo de cadeia ou contínuo de suportes que aqui se refletirá, pois neste caso corre-se o risco de uma *reductio ad infinitum* e logo vai haver alguém falando em *metassuporte*. Assim, não terminaríamos nunca de perguntar quem suporta quem, já que nada está solto, nem mesmo o texto em nuvens de fumaça. Nosso limite de observação é sempre o **suporte imediato** e não um *continuum* que pode desviar o olhar para outros fenômenos. O suporte é discreto e limitado.

Com base nesta observação preliminar, vejamos alguns suportes e suas características. Não se trata de uma classificação nem de um levantamento exaustivo. Neste momento não faço mais do que uma breve incursão exemplar e pré-exploratória pelo tema.

### 5.1. Livro em papel

Seguramente, todos vamos concordar que o *livro* não é um gênero textual. Trata-se de um suporte maleável, mas com formatos definidos pela própria condição em que se apresenta (capa, páginas, encadernação etc.). Há variações notáveis quanto aos formatos que um livro pode ter. O livro comporta os mais diversos gêneros que se queira. Contudo, podemos ter um livro que ao mesmo tempo realiza apenas um gênero, como no caso do *romance* ou da *tese de doutorado*. Nestes casos, distinguimos entre os *gêneros textuais*: **romance** e **tese de doutorado** e o *suporte textual*: **livro**. Trata-se de coisas diversas.<sup>7</sup> Tomemos um livro contendo **cartas pessoais** de

---

<sup>7</sup> Não é meu interesse discutir aqui aspecto delicado a respeito dos gêneros que compõem a *tese de doutorado*, pois é sabido que numa tese de doutorado (e em vários outros gêneros) temos pelo menos os seguintes gêneros que compõem aquele gênero: *resumo*; *sumário*; *índices remissivos*; *agradecimentos*; *prefácio*; *introdução*; *bibliografia*. Estes gêneros têm funções e estrutura próprias, mas quando reunidos numa dada seqüência para constituir uma *tese de doutorado*, eles não são mais vistos como gêneros e sim como transmutados para compor as partes de uma tese. Este aspecto mereceria mais atenção até para se perceber como os gêneros derivam um do outro como bem lembrava Bakhtin [1979].

alguém. Aquelas cartas já não são mais pessoais desde o momento em que foram publicadas. Passaram a ser documentos públicos e até seu *status* pode ter mudado se forem cartas de algum escritor. Mas com a divulgação em livro passam a operar como uma obra literária. O problema é que mudou a função e a natureza daqueles textos no gênero *carta pessoal*. Trata-se de um livro com muitos exemplares de um gênero ou simplesmente um gênero como tal? O livro é neste caso um suporte e o gênero é carta pessoal, se ali estiverem somente cartas pessoais. Fala-se num livro com a correspondência pessoal de alguém.

Para uma breve reflexão sobre a complexidade do problema, tomemos um livro lançado recentemente, *As Boas Mulheres da China*, de Xinran (2003). Ali temos uma série de reportagens da autora<sup>8</sup> como apresentadora de um programa de rádio na China, que foram escritas para aquele livro. Mas no interior do livro encontramos várias cartas que haviam sido remetidas à radialista. Essas cartas estão ali transcritas no decorrer de um relato. São ainda cartas ou já foram transmutadas e fazem parte integrante da reportagem sem autonomia de carta? No mesmo livro há uma longa entrevista-diálogo com uma universitária. Trata-se de uma entrevista ou ela é uma reportagem? Há também um comovente relato de uma jovem adolescente molestada sexualmente pelo pai e que se apaixona por uma mosca como um ser amado e escreve um *diário íntimo* sobre a triste situação. Este diário foi parar nas mãos da apresentadora que o publica no livro. Trata-se de um diário ou não mais? Veja-se que a situação é complexa, pois temos um livro operando como suporte de uma série de relatos e estes estão perpassados de vários gêneros que os compõem. Temos ali *cartas pessoais, entrevistas, diálogos, diário íntimo, declarações de amor, bilhetes* e outros gêneros. Contudo, eles não têm autonomia e figuram como parte de um todo orgânico maior, que é uma obra programada desde sua origem com aqueles elementos.

Em suma, parece que a questão é um tanto artificial, pois um livro é **sempre** um suporte, sendo que em alguns casos contém muitos exemplares de um só gênero (um livro de poemas), em outros casos contém gêneros diversos (uma obra com as publicações de um determinado jornal) ou então um único gênero (romance). Em todos os casos o livro é um suporte para muitos gêneros ou um gênero. O problema parece ser se o livro didático, por

---

<sup>8</sup> É curioso observar que na ficha catalográfica do livro consta: “*relatos breves*”, como que indicando o gênero de que se trata, mas ao mesmo tempo sugerindo que é uma coletânea de textos desse gênero, não sendo o livro um gênero em si, mas um conjunto de textos desse gênero.

exemplo, “engole” ou “transmuta” os gêneros do mesmo jeito que o romance e a tese. Vejamos o caso mais de perto.

### 5.1. Livro didático

Em primeiro lugar, é conveniente considerar que não fazemos uma distinção sistemática entre “livro” e “livro didático”, já que se trata de fenômenos similares. Contudo, como há elementos muito específicos do livro didático e uma funcionalidade típica, tratamos a questão em separado, mas todos são basicamente livros. Em segundo lugar, seria conveniente considerar que mesmo o livro didático pode ser analisado em pelo menos dois conjuntos: (a) o livro didático de português e (b) o livro didático de disciplinas como geografia, física, matemática, etc. Estes dois conjuntos têm peculiaridades, mas não constituem algo essencialmente diverso.

Tal como foi exposto anteriormente, livro didático é nitidamente um suporte textual, embora a opinião não seja unânime a este respeito. Não obstante os argumentos em contrário, ainda se pode dizer que o livro didático (LD), particularmente o LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, que mesmo depois de reunidos no livro continuam com suas especificidades, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhe dê outra funcionalidade, num processo que denominei **reversibilidade de função**. Falo aqui em *funcionalidade* e não *função* para que se tenha claro este aspecto. Por exemplo, uma carta, um poema, uma história em quadrinhos, uma receita culinária e um conto continuam sendo isso que representam originalmente e não mudam pelo fato de migrarem para o interior de um LD. Não é o mesmo que se dá, por exemplo, no caso de um romance que incorpora cartas, poemas e anúncios, entre outros.

A incorporação dos gêneros no caso do romance, tal como tratado por Bakhtin (1979), opera uma “*transmutação*” de gêneros que num gênero secundário ao incorporar outros gêneros. Certamente, Bakhtin nunca teria classificado o livro didático entre os gêneros secundários e sim como um conjunto de gêneros. Aspecto importante é a vasta produção de gêneros tipicamente da esfera do discurso pedagógico, tal como a *explicação textual*, os *exercícios escolares*, a *redação*, *instruções para produção textual* e muitos outros que se acham no LD. O espaço pedagógico tem muitos outros gêneros que circulam nessa área e podem migrar para o LD, tais como as conferências, os relatórios, as atas de reuniões etc. Tudo indica, pois, que o LD pode ser tratado como um suporte com características muito especiais, mas mesmo assim não parece ser um gênero. Diria ainda mais: as funções dos gêneros introduzidos no LD incorporam novas funções e passam a ter



uma macro-função pedagógica, mas as funções originais daqueles gêneros permanecem e são repassadas como próprias daquele gênero trabalhado. Parece que livro didático, mais do que um “transmutador” de gêneros, é um *simulador* em várias dimensões simultaneamente. Esta sobreposição de identidades lhe dá uma peculiaridade que o romance não tem. Veja-se que se pode ter (como de fato se tem) livros didáticos sem uma multiplicidade de gêneros textuais em seu interior, pois se pode trabalhar os gêneros indo ao jornal, à revista e assim por diante. Mas, no romance, a carta **deve** estar lá.

### 5.3. Jornal (diário)

O jornal, diário ou semanal, é nitidamente um suporte com muitos gêneros. Alguns são típicos e recebem, em função do suporte, algumas características, tal como o da *notícia*. Aqui situam-se também as *cartas do leitor* e as *notas sociais*, entre outros. No jornal, temos gêneros que não aparecem em revistas semanais, como: *anúncios fúnebres*, *convites para missas de sétimo dia*, *previsões meteorológicas*, *resumos de novelas*, *horóscopo diário* e assim por diante. Mas há outros comuns com as revistas, como *notícias*, *reportagens*, *editoriais*, *receitas culinárias*, *história em quadrinhos*, *charge*, *entrevistas* e assim por diante.

### 5.4. Revista de informação (semanal/mensal)

A revista semanal poderia ser vista no contexto do *jornal diário*, mas além de conter sensivelmente menos gêneros textuais que o jornal, tem uma peculiaridade no processo de textualização, como se frisou há pouco. Jornais diários e revistas divergem em alguns aspectos. Em primeiro lugar, muitos gêneros são mais específicos de jornais diários do que revistas semanais. Em segundo lugar, o fato de as revistas serem semanais, quinzenais ou mensais darão tratamento diverso à notícia. Assim certos gêneros que circulam com notícias apenas do dia (p. ex., anúncios fúnebres e classificados) pouco aparecem em revistas. Mas apenas uma análise detalhada diria se há diferenças específicas. O certo é que a titulação (manchetagem) em revistas e jornais tem diferenças notáveis. E aí entramos em aspectos que podem ser influenciados pela natureza do suporte. A questão aqui é dupla: por um lado, há diferenças nos gêneros provocadas pela natureza do suporte e, em segundo lugar, há diferenças na seleção da notícia.

### 5.5. Revista científica (boletins e anais)

Seguramente, as revistas científicas, os anais de congressos e os boletins de associações científicas, por exemplo, são suportes de gêneros bastante específicos e ligados a um domínio discursivo (o científico, acadêmico ou instrucional). Ali encontramos *artigos científicos*, *resenhas*, *resumos*, *comunicações*, *bibliografias*, *debates científicos*, *programação de congressos*, *programas de cursos* e outros desta natureza. São suportes hoje tradicionais e que se especializam de maneira muito clara. Pelo fato de serem considerados científicos, há inclusive o status dos gêneros por eles veiculados que é diferente dos textos similares que aparecem em jornais diários ou em revistas semanais de divulgação ou noticiosas.

### 5.6. Quadro de avisos

Este é um caso interessante que diversidade e pela quantidade de gêneros que abriga, mas há quem o considere um gênero textual, o que parece ser equivocado. Num quadro de avisos temos publicidades, avisos, poemas, listagens de notas, informações diversas, cartazes de eventos, placas, sugestões, propostas, regimento de cursos, recortes de jornal com notícias, editoriais etc. Trata-se de um suporte com características próprias que contém no geral textos de curta extensão. Dirige-se a um suposto público que passa por aquele ambiente e no geral o que aparece num quadro de avisos tem grande relação com a posição institucional. Não obstante isso, os quadros de avisos podem conter até mesmo outros suportes como os *folders* e jornais inteiros afixados. Também contém material visual como fotos e desenhos isolados.

### 5.7. Outdoor

Trata-se de um suporte e não de um gênero. Como já lembrado, em alguns momentos eu o classifiquei como gênero, mas dada a diversidade que esse “suporte” veio assumindo quanto aos gêneros que alberga e quanto à função desses gêneros, eu o classifico hoje como suporte. O *outdoor* tem peculiaridades muito interessantes e mereceria um estudo à parte. Ele porta, como já se viu, gêneros bastante especializados, mas vem se generalizando cada vez mais.

### 5.8. Encarte

Como vamos tratar o encarte em um jornal diário? Muitas vezes é uma revista completa, em outros casos é uma publicidade, uma propaganda,